"O QUE AS MULHERES QUEREM? HISTERIA E DISSOCIAÇÃO-VALOR EM MAD MEN"

Jayder Roger¹

Deixe-me perguntar uma coisa, o que a mulher quer? –
Quem se importa? ²

Mad Men é uma série de televisão, ambientada nos anos 1960 e criada por Matthew Weiner, centrada no universo exuberante da publicidade em uma agência em Nova Iorque. A trama expõe as facetas da vida pessoal e profissional dos executivos da agência, com o protagonista Don Draper conduzindo-nos pela narrativa. A série explora temas como identidade, gênero, raça, política e consumo, encaixando-os nas contradições sociais e culturais da época. Ao longo das sete temporadas, Mad Men aprofunda as dinâmicas tanto subjetivas como sociais, particularmente de uma classe média branca na sociedade estadunidense. No segundo episódio da primeira temporada, "Ladies Room", a série apresenta a personagem Betty Draper, esposa do protagonista, cujas nuances relativas aos seus sintomas serão exploradas.

¹ Publicitário, atualmente estudante de Psicologia na Universidade Jorge Amado.

² Ladies Room (temporada 1, ep. 2) MAD MEN. Los Angeles: AMC, 2007-2015. Série de TV..

“Quando suas mãos ficam dormentes”

O episódio começa em um close das mãos de um garçom, quebrando um ovo e espremendo um limão sobre uma salada, frente a uma mesa de jantar em um restaurante da alta classe nova iorquina dos anos 60. Na mesa estão, Don (protagonista da série) Betty sua esposa (protagonista desse ensaio), Roger (chefe executivo de Don na agência de publicidade) e Mona (esposa de Roger). O assunto da mesa é as babás que tiveram na infância, que já estabelece – além do restaurante, das vestimentas e adornos – a classe social abastada dos personagens, que podiam terceirizar o trabalho parental. Don destoa um pouco daqueles em que compartilha o jantar por não ter tido uma infância endinheirada, pelo contrário, paira um mistério sobre o seu passado que claramente incomoda sua esposa, Betty. A conversa se encerra com as mulheres da mesa indo em direção ao ladies room – banheiro feminino – que possui uma antessala com espelhos para que as mulheres possam retocar a maquiagem.

Diante do espelho, ao lado de Mona, Betty abre sua bolsa para pegar seu batom. Nesse momento, ela percebe que suas mãos estão dormentes, tornando-se incapaz de segurar o batom – um objeto que, neste contexto, adquire uma representação fálica³ de seu desejo em relação Don – comenta: “Mona, você pode me ajudar? Parece que per-

³ Fálico aqui não como sinônimo de pênis, mas sim enquanto categoria de conceito analítico, segundo Nasio (1988, p. 33) “o elemento organizador da sexualidade humana não é, portanto, o órgão genital masculino, mas a representação construída com base nessa parte anatômica do corpo do homem”.

di o jeito com meus dedos... Você nunca teve isso? Quando suas mãos ficam dormentes?”. Diante dessa primeira conversão somática⁴, Betty, expõe sua angústia enquanto responde a um comentário de Mo-na, que a elogia por sua beleza enquanto a ajuda a retocar o batom, dizendo: “Deve ser fácil para você segurar um homem como aquele”, referindo-se a beleza do Don, Betty então explica que, ultimamente, tem sido difícil “segurar qualquer coisa” devido às demandas de cuidar de seus filhos e ser dona de casa, além de ter perdido sua mãe alguns meses atrás.

No regresso ao lar, durante o trajeto de carro, Betty indaga Don sobre sua infância e a dificuldade em conhecer mais sobre a vida de seu próprio marido. Don responde que falar de si mesmo seria um “pecado de orgulho”. Claramente descontente por estar alheia ao passado de Don, ao chegarem em casa, ela mais uma vez tenta se aproximar da história dele, mas ele rebate dizendo que “isso é como política, religião ou sexo. Para que falar dessas coisas?” Em seguida, inclinando-se para beijá-la, eles se envolvem em um momento íntimo. Após o ato, Betty observando Don enquanto ele dorme, solta um suspiro ao pé de seu ouvido: “Quem está aí por dentro?”. Inquietação que reside na possibilidade de que seu casamento, à primeira vista perfeito com um marido atraente e bem-sucedido, esteja construído sobre uma base frágil. Essa lacuna, a falta que existe entre eles, revela

⁴ Aqui entendemos a conversão enquanto provocação somática da histeria, como descrita por Nasio (1990, p. 30) “A conversão se define, do ponto de vista econômico, como a transformação de um excesso constante de energia que passa do estado psíquico para o estado somático” ou seja, em Betty, do psíquico para o físico.

ainda mais a angústia de Betty.

Histeria e dissociação-valor

Nesse primeiro ato do episódio, diante do sintoma de dormência nas mãos e da angústia específica que aflige Betty, reside sua manifestação histérica⁵. É importante destacar, como Nasio (1990) nos mostra, a histeria não enquanto uma doença que afeta o indivíduo, mas sim um estado que se manifesta na relação com os outros, nas complexas ligações e conflitos que os neuróticos tecem em suas relações. Betty é sobrecarregada por um excedente de afeto a respeito do seu marido, e ao seu papel nas demandas do trabalho doméstico. Há então uma interdição de reconhecimento, portanto da identificação dela enquanto sujeito: Betty só existe enquanto esposa, mãe e dona de casa, que segundo Scholz (1996, p. 25) "casamento e maternidade tornaram-se então o único lócus social onde a mulher (burguesa) podia locomover-se; de resto, ela dependia inteiramente de seu marido". Sua própria existência está nesses papéis, portanto, ela só "é" enquanto for reconhecida pelas suas funções na reprodução social.

Isso implica que a relação de histeria com Betty está profundamente arraigada na estrutura da divisão social do trabalho.

⁵ Segundo Nasio (1990, p. 13) neurose que se "manifesta sob a forma de distúrbios diversificados e amiúde passageiros, dentre os quais os mais clássicos sintomas somáticos como as perturbações de motricidade [...] os distúrbios de sensibilidade (anestésias de uma região limitada do corpo)".

Segundo Menegatti (2018), essa divisão é governada pelo patriarcado produtor de mercadorias, em que a esfera pública da produção social é reservada aos homens, enquanto às mulheres é atribuída a esfera privada da reprodução. Esse arranjo cria uma dissociação⁶ que confina as mulheres às tarefas como cuidar dos filhos e executar afazeres domésticos, relegando-as a uma posição secundária considerada inferior. Essa separação cultural-simbólica tem consequências psicossociais, as quais se manifestam nos sintomas exibidos por Betty.

A clivagem entre Don e Betty é evidente. Enquanto ele assume o papel de provedor, seguindo a tradicional imagem masculina – na construção do *american way of life* – destacando-se características como racionalidade e força emocional, ela concentra-se nas tarefas de reprodução, tida como "amorosas", destacando uma certa fragilidade de caráter, enquanto espera pelo retorno do marido toda a noite. Betty inclusive desfruta de uma posição social privilegiada nesse retrato – de margarina – da “família tradicional estadunidense” heterossexual e branca que lhe permite terceirizar alguns trabalhos para uma empregada doméstica (Carla, uma mulher negra, que só será apresentada alguns episódios depois), mas ainda assim enfrenta um sentimento de vazio e insatisfação pessoal.

"Uma divorciada poderia desvalorizar as propriedades da vizinhança"

⁶ Dissociação-valor, formulada pela filósofa alemã Roswitha Scholz, é uma teoria que procura compreender a subordinação das mulheres enquanto característica inerente à forma de mercadoria, fundamentando-se na crítica marxista do valor.

Esse desconforto é exacerbado quando, numa tarde permeada por tédio, chá e cigarros, Betty conversa com sua vizinha, Francine. A conversa gira em torno da chegada de uma nova moradora ao bairro, uma mulher divorciada e com dois filhos, algo que causa espanto em ambas: “Já pensou se preocupar com dinheiro” (portanto da esfera pública da produção) “a essa altura?”, comenta Francine. Nesse momento, Betty retoma o receio – considerando a frágil base do seu próprio casamento – de possivelmente encontrar-se numa situação semelhante de divórcio. Francine contribui para o mal estar, ao acrescentar que a presença de uma divorciada poderia desvalorizar as propriedades da vizinhança.

Ao sair para dar uma volta de carro com os filhos, pela primeira vez Betty avista a nova moradora do bairro fazendo, sozinha, a sua mudança. Nesse momento ela perde o controle das mãos, por conta da dormência que se apropria do seu corpo, e bate o veículo. Catatônica pela situação, demora um tempo para voltar a si, e percebe que nada de grave aconteceu com ela e as crianças. “Eu odeio o modo como você dirige, sabia?” reclama Don a noite em casa, ao saber do acidente. Envergonhada a respeito da batida, Betty depois de algumas tentativas frustradas de esconder o que provocou o acidente, relata sobre os seus sintomas. Don irritado porque ela ainda não achou um médico que pudesse “cuidar disso”, e que o último teria recomendado um psiquiatra “Os médicos devem adorar que finalmente tenham uma resposta para "não sei o que há de errado"” réplica o marido.

Coincidentemente, essa visão de Don – imperativa na sociedade retratada – repete o problema que Sigmund Freud se defron-

tou no final do século XIX, o sofrimento interpretado apenas por uma chave biomédica (física) ou moral. Mas Freud, ao dar importância também aos fenômenos mentais, abrange o objeto da psicanálise enquanto sobreposição entre dois domínios, conforme nos mostra Zupancic (2022, p. 22), “isto é, onde o biológico ou somático já é mental ou cultural e onde, ao mesmo tempo, a cultura brota dos exatos mesmos impasses das funções somáticas que tenta resolver”. Portanto, a descoberta Freudiana nos apresenta que a “cultura e a mente eram capazes de afetar, até mesmo distorcer e fisicamente alterar os corpos humanos, mas também e talvez mais significativamente, que deve haver algo no corpo humano que torna isto possível” (Zupancic, 2022, p.22)

Betty se questiona se realmente necessita de um psiquiatra, e Don comenta: "Sempre pensei que as pessoas recorriam a psiquiatras quando estavam infelizes. Mas olho para você, e isso" – ele observa a casa – “e eles” indicando as crianças, "e isso", tocando gentilmente o rosto dela, "e penso, você está infeliz?", "Claro que estou feliz", responde Betty. A câmera se distancia, mostrando Don adormecer com uma expressão relaxada – até alegre – enquanto Betty é novamente dominada pela angústia: teme que seu marido, que o casamento, que tudo seja frágil, sujeito a ser retirado a qualquer momento, e que ela possa acabar como sua vizinha, divorciada. Novamente, o peso das normas culturais e da reprodução social se insere enquanto uma produção de sofrimento para ela, como Scholz

(1996, p. 25 apud FREVERT, 1986, p. 65) ilustra: "A mulher burguesa viu-se confrontada com a tarefa de manter a família em equilíbrio, de desincumbir-se dia após dia dos afazeres domésticos e de funcionar como uma relojoaria de tique-taque cadenciado"

Um relógio em ouro branco

A história de Betty ocorre em paralelo a história principal de Don enquanto protagonista. Nesse mesmo episódio, por exemplo, Don enfrenta a dificuldade em criar uma campanha para uma marca de desodorantes. “Um desodorante moderno para um homem moderno” é o slogan apresentado, não satisfeito com esse rumo, sugere uma nova abordagem. Indo em direção a uma visão atrelada aos papéis de gênero da época, direciona a campanha às mulheres, porque apesar de um desodorante masculino, quem faz a compra de um item de higiene pessoal são as mulheres, esposas. Nessa nova abordagem, ele se questiona “O que as mulheres querem?”. Ao chegar em casa, surpreende Betty com um presente – um relógio em ouro branco – Betty se mostra feliz com a surpresa, mas logo deixa transparecer que esse gesto não vai lhe tirar o sofrimento, e expressa mais uma vez a vontade de procurar ajuda psiquiátrica.

Agora, em um clássico cenário de intervenção, Betty se encontra em um divã, “Não sei porque estou aqui” são as palavras que quebram o seu silêncio:

“Quer dizer, eu sei. Acho que estou apreensiva. Ansiosa. Eu não durmo muito bem... e minhas mãos... elas estão bem agora. É como quando você tem um problema com o carro, e você vai ao mecânico e o defeito não aparece... Não que o senhor seja um mecânico” (Temp.1, Ep. 02. 2007).

Ela retira o relógio que ganhou de presente na noite passada e deixa sobre a mesa, e dá continuidade ao seu discurso. No fim do episódio, o cenário de um jantar retorna, Betty e Don trocam sorrisos, drinks e olhares. Ela se mostra alegre, após o seu marido consentir ao tratamento terapêutico/psiquiátrico, e que poderia ser o início de um processo rumo à redução de seus sintomas mórbidos. Mas, é nos últimos segundos que a série reforça a sociedade que a adoeceu. Ao chegar em casa, Don vai ao seu escritório, enquanto Betty se arruma para deitar, para fazer uma ligação. O psiquiatra de Betty que atende, eles começam a conversar sobre o que ela falava na análise, "é uma jovem muito ansiosa" diz o médico. A porta do escritório se fecha, e a câmera se volta para a cozinha, ambiente que simboliza a alienação feminina perante a sociedade patriarcal onde o valor é o homem.

REFERÊNCIAS:

Ladies Room (temporada 1, ep. 2) **MAD MEN**. Los Angeles: AMC, 2007-2015. Série de TV.

MENEGATTI, Jéssica Cristina Luz. Teoria da dissociação-valor. **Cadernos Cemarx**, [S.L.], n. 10, p. 113-130, 17 jan. 2018. Universidade Estadual de Campinas.

NASIO, J.D. **A Histeria**: Teoria e Clínica Psicanalítica, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.

NASIO, J.D. **Lições sobre os sete conceitos cruciais em psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.

SCHOLZ, R. “O valor é homem: teses sobre a socialização pelo valor e a relação entre os sexos”. **Novos Estudos**. CEBRAP, São Paulo, n. 45, julho 1996.

ZUPANCIC, Alenka. **Por que psicanálise?** três intervenções; Tradução Rodrigo Gonçalves. São Paulo: Lavrapalavra, 2022.